

Apesar de ser uma prática já iniciada no Brasil, inclusive no Rio Grande do Sul, a Justiça Restaurativa (JR) ainda é um tema que necessita de muita reflexão e debate acerca deste novo modo de olhar e pensar a justiça. O atual sistema de justiça penal tem um foco estritamente punitivo, recaindo sobre o infrator e deixando a vítima excluída do processo, em um estado de abandono. Pela necessidade de se pensar em um modelo alternativo para a resolução de conflitos surge a Justiça Restaurativa, tendo como principal foco a reparação, e não mais a punição. Sob essa nova perspectiva, o infrator juntamente com a vítima, é colocado em um lugar de fala e de acolhimento, onde o infrator tem possibilidade de ter consciência do dano que causou ao outro e, a vítima, de buscar minimamente uma reparação simbólica para o dano que sofreu. Atribuindo a eles um papel ativo no processo, não mais de meros espectadores passivos, se constrói uma nova lente na justiça, que também olha para a singularidade de cada sujeito ali presente, suas necessidades e vontades. O presente estudo tem como objetivo a criação de um diálogo entre a Justiça Restaurativa e a Psicanálise, compreendendo que esta possibilita outra escuta dos espaços de fala que são oferecidos aos sujeitos. Pensando na importância de se ter um lugar para que os sujeitos possam se sentir implicados no processo, pretende-se aqui estudar o testemunho como o ato de narrar o irrepresentável, questionando que função ele ocupa e em que medida sua prática é efetiva na questão da Justiça Restaurativa. Sabendo que muitas vezes o que se tenta narrar foi um evento traumático, tanto para a vítima quanto para o infrator, também se deseja investigar a relação entre testemunho e trauma. A pesquisa tem se centrado na obra de Giorgio Agamben - “O que Resta de Auschwitz” - para dar luz à relação trauma-testemunho e refletir acerca do ato de testemunhar aquilo que é inarrável, sendo, portanto, uma pesquisa de base qualitativa e exploratória. Com essa reflexão, procura-se compreender melhor o papel do testemunho de um evento traumático durante o círculo restaurativo; como ele é escutado e que efeitos esse testemunho tem para quem narra e para quem escuta. Para além disso, pretende-se levantar o olhar da psicanálise para tais práticas da justiça, problematizando-as, singularizando acontecimentos cotidianos e propondo novas lentes. Esta pesquisa se inscreve dentro do LAPPAP –UFRGS (Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política).